

A Escola da Noite - Grupo de Teatro de Coimbra



de
**Cândido
Pazó**



Proposta de Apresentação

Coimbra, Setembro de 2015

[sobre o espectáculo]

Uma pertinente reflexão social vestida com um luminoso sentido artístico.

Carina Correia, Preguiça Magazine, 17/09/2015

<http://preguicamagazine.com/2015/09/16/a-escola-da-noite-a-canoa/>

Un espectáculo que non se afasta en ningún momento dos espectadores e que satisfai xenerosamente a vella esixencia de deleitar e incitar a reflexión.

Manuel Xestoso, Teatro Crítico Universal / Revista Galega de Teatro, 18/09/2015

<https://rgtcritica.wordpress.com/2015/09/18/a-canoa/>

[o espectáculo consegue] induzir a reflexión do espectador sem ter de comovê-lo (...) o espectador pode reconhecer a história como algo quotidiano e isso é o que realmente assusta

Camilo Franco, Diario Cultural - Radio Galega, 18/09/2015

<http://www.crtvg.es/rg/podcast/diario-cultural-diario-cultural-do-dia-18-09-2015-1448176>

[sobre o texto]

Cándido Pazó serve-se do teatro para representar e provocar o debate entre artistas e públicos sobre um tema que está no centro das atenções neste momento - a violência sobre as mulheres -, questionando as razões dessa violência. (...)

Com obras como “A Canoa” comprovamos como o teatro não só cumpre uma função artística, mas é também um reflexo da sociedade actual e das suas preocupações.

Sara Bertojo, “La mujer, realidad social y personage teatral en La Piragua”, in Romera Castillo, José, *El personage teatral: la mujer en las dramaturgias masculinas en los inicios del siglo XXI*. Madrid: Visor Libros, 2009; pp.177-185.

Este espectáculo

sinopse

“A Canoa” (“A Piragua”, no original) foi escrita e apresentada pela primeira vez em Santiago de Compostela em 2007, numa produção do Centro Dramático Galego. Escrita a partir de uma história meio absurda – o desconforto de um homem com o facto de o vizinho guardar uma canoa no seu lugar de garagem – “A Canoa” chama a atenção para o problema da violência doméstica e para a forma como ele se relaciona com o conjunto de normas, mais ou menos explícitas, em que todos nos movemos.

ficha artística

texto e encenação **Cándido Pazó**

tradução **Cándido Pazó e Sofia Lobo**

interpretação **Igor Lebreaud, Maria João Robalo, Miguel Magalhães, Ricardo Kalash, Sofia Lobo**

cenografia **João Mendes Ribeiro e Luisa Bebianio**

figurinos, adereços e imagem gráfica **Ana Rosa Assunção**

iluminação **Afonso Castro**

música **Manuel Riveiro Hermo**

vídeo **Eduardo Pinto**

assistência de encenação **Cristina Janicas**

voz-off **Catarina Moura**

direcção de cena **Miguel Magalhães**

montagem e operação técnica **Rui Valente e Zé Diogo**

produção **Pedro Rodrigues**

assistência de produção **Nilce Vicente**

Duração: 1h40

Classificação etária: M/14

Local e data da estreia:

Coimbra, Teatro da Cerca de São Bernardo, 17 de Setembro de 2015

Mais informações sobre o espectáculo:

http://weblog.aescoladanoite.pt/?page_id=12840

O autor



Nascido em Vigo (Galiza, Espanha) em 1960, Cándido Pazó é actor, dramaturgo, filólogo, encenador, guionista de televisão e contador de histórias.

Como contador, actuou e participou em seminários sobre a oralidade nas Universidades de Santiago, Vigo, Coimbra, Salamanca, Barcelona, Minho, Varsóvia, Cracóvia, Montevideo, Bogotá, entre outras. É presença assídua em locais que habitualmente programam espectáculos de narração oral. Autor

da maior parte das histórias que conta (ainda que recorra também à tradição e à literatura), enquadra-se no chamado “conto taberneiro” ou “de tertúlia”, onde episódios e personagens do quotidiano se sucedem, numa demonstração de que a realidade supera sempre a ficção.

Enquanto dramaturgo e encenador, Cándido Pazó é autor de inúmeros espectáculos premiados, como “Commedia, un xoguete para Goldoni” (Prémio Compostela 93 e Prémio de la Crítica del País Valenciano 94), “Nano” (Prémio María Casares 99), “Ñiqui Ñaque” (Prémio Max para Melhor Autor em Língua Galega, 2002), “García” (Prémio María Casares 2005), “Emigrados” (Prémio Max 2008), entre outros. Em 2014, foi distinguido com o Prémio da Cultura Galega de Artes Cénicas (atribuído pela Consellería de Cultura da Xunta da Galicia) e com o Prémio de Honra Roberto Vidal Bolaño (atribuído pela Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia, pelo conjunto da sua carreira profissional).

Cándido Pazó e A Escola da Noite

Os caminhos de Cándido Pazó e d’A Escola da Noite andam cruzados há muito, nomeadamente em acções ligadas ao intercâmbio entre a Galiza e os países de língua portuguesa. No TCSB, apresentou os espectáculos “O espectáculo da palavra” (2009), “Historias Tricolores: ou de como aqueles animalíños proclamaron a República” (2010) e “Memórias de un neno labrego” (2014). Em 2010, dirigiu em Coimbra, igualmente a convite d’A Escola da Noite, um workshop sobre narração oral. Em 2013, foi um dos formadores convidados pela Cena Lusófona no âmbito do projecto P-STAGE, que resultaria na criação do espectáculo “As Orações de Mansata”, uma co-produção com A Escola da Noite com um elenco de 13 actores de seis países de língua portuguesa.

Declarações do autor sobre a sua obra

Um pedreiro ou um arquitecto pode partir da visão integral do edifício que quer construir. Mas também pode partir da consideração dos materiais concretos que tem à mão – as pedras, os tijolos – com que quer trabalhar. Comigo, aqui, o que se passou foi que primeiro deparei-me com a história, que aconteceu numa reunião de condomínio: um proprietário protestava pela presença de uma canoa num lugar de garagem – protestava, portanto, pela quebra de uma norma não escrita mas que ele considerava importante.

A partir desta história, a própria realidade convidou-me a fazer algo que falasse de violência de género, da violência doméstica, criando uma personagem que não quer que se quebrem as normas eternas, que vêm da noite dos tempos, porque está habituado a viver com essas regras do jogo. Assim, podia tratar um tema grave de uma maneira dinâmica, de forma a que as pessoas que viessem ao teatro tivessem o prazer que sempre devem ter ao contemplar uma peça e, ao mesmo tempo, o estímulo para pensar sobre o que está a ser contado. Resumindo, podia abordar um tema central como é a violência de género de uma maneira periférica, utilizando o humor que a vida sempre nos oferece, mesmo em torno das situações mais dramáticas.

Tanto a história da canoa como a sua paixão pela leitura do dicionário, como livro morto, permitiram-me caracterizar Delio. O dicionário – falo dele com todo o respeito (eu sou filólogo, e também o leio) – pode ser uma ferramenta dinâmica ou exactamente o contrário, como neste caso. Delio entende o dicionário como uma espécie de código civil onde se diz que nome têm as coisas e, em geral, o seu comportamento perante a leitura é do mesmo tipo: ele lê panfletos onde se diz como se usa isto, lê catálogos onde se diz o que é isto. Delio entende a essência das coisas como algo fixo, estabelecido e escrito.

A transição entre momentos violentos e calmos é assumidamente brechtiana. A influência de Bertolt Brecht está presente de uma forma mais do que evidente: os actores falam com o público a todo o momento. O que pretendo com a representação destas cenas é transmitir a ideia de que nem sempre conhecemos a realidade, antes a interpretamos, a pressupomos, especulamos sobre ela sempre a partir de uma convenção social, conjuntural e não a partir do conhecimento real dos factos. Também me interessa que o público respire e possa retomar o discurso e divertir-se com a peça. Brecht dizia que devemos ir ao teatro para nos divertirmos. Não quero apenas uma chave emocional, mas também racional – recuar, avançar, voltar, retornar. É um pouco como a técnica de pescar trutas: se estás sempre a puxar o fio, este acaba por se partir – por isso solto-o de vez em quando. Se as cenas fossem construídas para forçar as emoções, não ajudariam a pensar mas apenas a sentir. Eu não tenho nada contra que se sintam, mas necessito de combinar as duas direcções: pensar-sentir, sentir-pensar.

Fotos



Sofia Lobo, Ricardo Kalash e Miguel Magalhães



Maria João Robalo



Ricardo Kalash



Sofia Lobo e Ricardo Kalash



Ricardo Kalash e Sofia Lobo

Condições de apresentação

Cachet

1 sessão: **1.500 Euros** (isentos de IVA)

2 sessões: **2.000 Euros** (isentos de IVA)

(é possível realizar até duas sessões por dia)

Logística

Alimentação: **9 pessoas**

Alojamento: **9 pessoas** - 4 quartos duplos e 1 quarto single
(apenas em localidades a mais de 80 kms, de Coimbra)

Requisitos técnicos

Área mínima de representação: 7 m. de largura x 6 m. de profundidade

Montagem: 1 dia antes do dia do primeiro espectáculo

Desmontagem: 2 horas após o espectáculo

Luz:

- 48 Circuitos
- 28 PC's 1000
- 12 Recortes 25°/50°
- 2 Recortes 36°

- 11 Par cp 62

- 9 Par cp 60

- 4 Assimétricos

Som: - Sistema de som adequado à sala

- 2 retornos no palco

- Mesa de som com mínimo de 16 canais e 4 canais stereo

- Leitor de cd duplo

Vídeo: - 1 canal dmx para shutter

Calendário disponível

2015: **19 de Outubro a 20 de Dezembro**

2016: **11 de Janeiro a 20 de Março**

Observações / outras condições

Direitos de autor e transportes incluídos no valor do cachet.

Não é permitido fotografar nem filmar o espectáculo sem autorização prévia da companhia.

Não é permitida a entrada na sala após a entrada do espectáculo.

Em sessões para o público escolar, a lotação máxima é de 100 alunos/as.

Numa cena do espectáculo um dos actores manuseia uma motosserra, assegurando o cumprimento das respectivas normas de segurança.

Dossier de imprensa (selecção)

“Quando não há pão, todos ral só veio agravar esta como out

A violência doméstica abordada numa peça que conta uma história onde uma canoa ocupa um lugar na garagem. É entre o dr

Não é a primeira vez que trabalha com A Escola da Noite, mas é a primeira vez que encena, em Coimbra, um espectáculo seu?

Este é um caminho que tem a sua lógica. Primeiro conhecemo-nos, trabalhamos em coisas mais pequenas. Agora, depois de um caminho andado, com A Escola da Noite, mas também com a Cena Lusófona – onde colaborei em São Tomé e Príncipe, na Guiné e em Coimbra –, e de uma amizade firmada, estamos a concretizar este espectáculo, algo que já estava nas nossas cabeças há algum tempo.

Um espectáculo seu e encenado por si com A Escola da Noite?

Eu tenho por hábito escrever os textos que quero encenar. Não sei dizer o que vem primeiro, se a escrita, se a encenação. Quer dizer, quando escrevo sinto-me encenador e tudo o que escrevo está pensado para o palco. Mas também há o contrário, quando estou no palco, em grande medida, continuo a escrever como se estivesse ao computador. Autor e encenador são duas condições que, em mim, estão muito misturadas. Mas também faço encenações de textos que não são meus, há pouco tempo encenei um texto do Abel Neves [dramaturgo português].

É uma circunstância especial de algum modo?

Em Espanha ainda há alguns encenadores que escrevem os seus próprios textos. Tem a ver com a circunstância de ser previamente um homem de teatro, que é, no fundo, o que eu sou. Embora tenha trabalhado em dobragem, no audiovisual, seja um contador de histórias.

É um homem dos sete ofícios, mas todos ligados à palavra, às histórias?

Sim. Mas são ofícios todos rela-



“A minha intenção é que o público assista a esta história, uma tragédia, mas que, por momentos, possa ter um vislumbre, uns matizes c

cionados com o facto de contar uma história. Posso conta-la de forma oral, gravada ou rodada como um filme ou no palco, que é a forma de que eu mais gosto.

A história é central na sua obra?

Eu gosto, como espectador, das novas experiências no teatro, do que se chama pós dramático, fazer teatro sem contar uma história. Mas eu, pessoalmente, como homem de teatro, quero sempre contar uma história. Seja de que forma for, de trás para a frente, da frente para trás. Importante é contar essa história, que seja possível contar depois a outra pessoa.

Que haja uma narrativa?

Que haja uma narrativa e uma

continuidade nesse discurso.

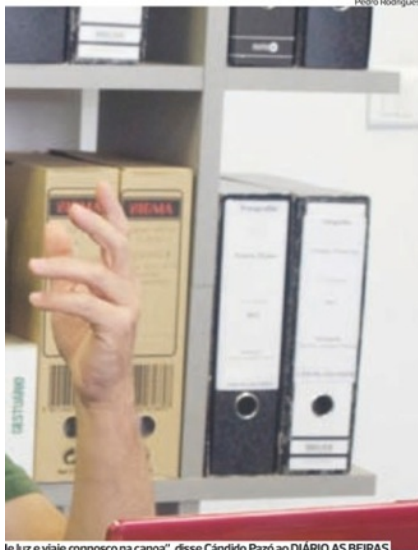
E uma história é exatamente o que a peça “A canoa” conta?

Sim. Efetivamente. Conta uma história de violência doméstica, embora esta seja de “baixa densidade”, colada a uma situação que tem piada, o facto de alguém ter no seu lugar da garagem uma canoa em vez de um automóvel. O que aconteceu de facto, há muitos anos, no prédio onde eu morava, em Santiago de Compostela, onde um vizinho se mostrou muito incomodado porque alguém tinha no lugar da garagem uma canoa, quando esses lugares deviam ser para carros ou para bicicletas, mas nunca para canoas. Aquilo ficou na minha cabeça e come-

cei a pensar como muita gente não gosta que as coisas sejam distintas do que, por norma, se diz que são. Decidi ligar esta questão ao aumento da violência doméstica, realidade ligada ao facto de, hoje, tudo mudar muito rapidamente. E há muita gente, muitos homens, que não se adaptam às novas realidades. Há muita gente sem referências: o modelo anterior já não vale e o novo para eles ainda não existe ou não está assumido, o que conduz a que não se administre bem o conflito, que sempre existiu e sempre existirá. Claro que esta é uma metáfora, sendo o mais importante a história crua dos maus tratos. O que a metáfora faz é introduzir humor num tema tão duro como este.

ham sem razão. A crise das disfunções sociais"

ama e o sorriso que o galego Cándido Pazó afirma o seu teatro. Em setembro estreia "A canoa" em Coimbra



le luz e viaje conosco na canoa", disse Cándido Pazó ao DIÁRIO AS BEIRAS

B. I.

► Nascido em Vigo (Galiza, Espanha) em 1960, Cándido Pazó é ator, dramaturgo, filólogo, encenador, guionista de televisão e contador de histórias

► Como contador, atuou e participou em seminários sobre a oralidade nas universidades de Santiago, Vigo, Coimbra, Salamanca, Barcelona, Minho, Varsóvia, Cracóvia, Montevideo, Bogotá, entre outras

► Em 2014, foi distinguido com o Prémio da Cultura Galega de Artes Cénicas e com o Prémio de Honra Roberto Vidal Bolaño

Metáfora que, desde logo, provoca o sorriso. E isso é importante?

É importante. A minha intenção é que o público assista a esta história, a este drama, uma tragédia, mas que, por momentos, possa ter um vislumbre, uns matices de luz e viaje conosco na canoa, sem perder a parte dura da história, nem essa outra parte mais leve, quase divertida da peça.

É essa a sua intenção? Fazer pensar em coisas importantes e graves, como a violência doméstica, com números assustadores ou se calhar com uma visibilidade maior, mas de uma forma que tenha

alguma leveza?

Sim, é fundamental. E sim, na própria peça, há uma personagem que diz a outra "isto passou-se sempre, se calhar com menos ruído ou as pessoas eram mais surdas". Mas também ponho na peça o facto de a mulher antes aceitar, aceitar sempre. A partir do momento em que a mulher começa a dizer não, a reclamar o seu sítio, a sua igualdade, surge o conflito.

A crise, causa e consequência, a crise em que vivemos, contribui para o aumento dessa violência?

Contribui sempre. Assisti há muitos anos a um espe-

táculo português, em Vigo, onde alguém cantava "casa onde não há pão, todos ralham sem razão".

É um provérbio sábio como todos e que não é de agora.

É um bom resumo de tudo o que dissemos. Quando não há pão, todos ralham sem razão. A crise só veio agravar esta como outras disfunções sociais.

Apesar disso, se calhar por isso, é importante chamar as pessoas ao teatro, contar-lhes uma história, fazê-las refletir e sorrir também?

Eu tenho como primeira obrigação, que me impo-

nham ao teatro para gostarem. Mas eu sou Cándido Pazó, tenho uma maneira de pensar, tenho mesmo uma ideologia, e normalmente gosto que as pessoas gostem de coisas que tenham substância, que sejam sólidas. Nessa solidez, acabas por falar de coisas que podem ser tristes, graves, urgentes, que podem dar para pensar... Se conseguir que as pessoas pensem mas sem gostarem, acho que estou a fracassar. Porque as pessoas vêm ao teatro para se divertir, divertir no sentido brechtiano. Brecht dizia que "divertir-se era levar a mente para outros lugares". Sair dali. Não é apenas rir, não é apenas brincar. Ou então é brincar, brincar com a mente, com as emoções, que podem ser para rir ou para chorar. Fundamental é sair do espetáculo a pensar "que bem fiz hoje quando decidi vir ao teatro". Esta é a combinação de eu gosto e na que eu milito.

É também a combinação nesta sua peça em Coimbra?

Essa é a intenção. Eu já conheço um pouco o público de Coimbra e parece-me que essa é uma combinação que resulta. Essa é a nossa tradição, está em Gil Vicente, está nas novelas picarescas espanholas do século de ouro (século XVII).

Falar de coisas importantes e graves mas num tom de humor?

Exatamente, sim. Essa é a nossa tradição. É nela que eu gosto de militar. **[Lidia Pereira]**



O grupo de trabalho da peça "A canoa", na leitura do texto de Pazó

A Escola da Noite prepara estreia da peça "A canoa"

■■■ A Escola da Noite vai estreiar em setembro a peça "A canoa", de Cándido Pazó, com encenação do próprio autor galego. O dramaturgo, encenador e contador de histórias é, há muito, um companheiro de estrada da companhia e aprofunda assim a sua relação artística com o grupo de teatro de Coimbra.

"A canoa" ("A piragua", no original) foi escrita e apresentada pela primeira vez em Santiago de Compostela, em 2007, numa produção do Centro Dramático Galego. Escrita a partir de uma história meio absurda – o desconforto de um homem com o facto de o vizinho guardar uma canoa no seu lugar de garagem – "A canoa" chama a atenção para o problema da violência doméstica e para a forma como ele se relaciona com o conjunto de normas, mais ou menos explícitas, em que todos nos movemos.

Propositadamente, a abordagem a uma questão tão sensível como esta é feita com aparente leveza e com o humor que o autor sempre imprime aos seus textos e espetáculos. Numa curiosa reflexão escrita a propósito da primeira estreia da peça, Cándido Pazó explica a opção por alternar entre momentos mais

tensos e mais calmos e por recorrer "ao humor que a vida sempre nos oferece, mesmo nas situações mais dramáticas": "Interessa-me que o público respire e que possa retomar o discurso e divertir-se com a peça". "Não quero apenas uma chave emocional, mas também racional", acrescenta.

Em Coimbra, o espetáculo estreará a 17 de setembro, no Teatro da Cerca de São Bernardo, com um elenco familiar ao público d'A Escola da Noite – Igor Lebreaud, Maria João Robalo, Miguel Magalhães, Ricardo Kalash e Sofia Lobo – e as especiais participações de Cristina Janicas (assistente de encenação) e Catarina Moura (voz off).

Da equipa artística fazem ainda parte João Mendes Ribeiro e Luísa Bebianno (cenografia) e Eduardo Pinto (vídeo), colaboradores habituais da companhia, e os galegos Afonso Castro (iluminação) e Manuel Riveiro Hermo (música).

Os caminhos de Cándido Pazó e d'A Escola da Noite andam cruzados há muito, nomeadamente em ações ligadas ao intercâmbio entre a Galiza e os países de língua portuguesa, no âmbito da Cena Lusófona - Associação Portuguesa para o Intercâmbio Teatral, com sede em Coimbra.

Violência doméstica é tema de nova peça n'A Escola da Noite



Companhia de teatro de Coimbra prepara rentré no Teatro da Cerca

●●● A Escola da Noite, de Coimbra, estreia a 17 de setembro a peça "A Canoa", escrita e encenada pelo galego Cándido Pazó, em que a partir de uma história algo absurda é abordada a violência doméstica.

O espetáculo, apresentado pela primeira vez em 2007, parte de uma reunião de condomínio em que um vizinho protesta contra o facto de outro ter uma canoa na garagem, considerando que tal vai "contra as normas", explicou Cándido Pazó, que utiliza essa história "meio absurda" para alimentar "metaforicamente" o tema central - a violência de género.

"O vizinho que protesta contra a canoa, protesta por se fazerem coisas de forma distinta e são as alterações que surgem na sua casa - a mulher começa a ter uma posição, opiniões e a fazer coisas que nunca tinha querido fazer - que leva a que haja violência de género. Esta pessoa não se adapta e responde com violência", referiu.

Desta forma, Cándido Pazó introduz o humor, "que tem um fio de continuidade em toda a peça",



Peça do galego Cándido Pazó estreia a 17 de setembro

- 1 Autor utiliza o humor para abordar tema muito sério: a violência de género
- 2 "A Canoa" fica em cena no Teatro da Cerca até 18 de outubro, de quinta-feira a domingo

entrelaçando uma história "mais humorística e cômica, quase absurda", com a situação "trágica de violência de género".

Humor é "fermento para tema mais grave"

A componente humorística surge como "fermento para um tema mais grave e profundo", disse à agência Lusa o autor galego, que gosta de combinar o humor com assuntos mais sérios e densos.

"A minha obra sempre teve esse balanço, porque

o público pode fazer uma rota séria, por mundos escuros, mas dou-lhe um barco para navegar de forma confortável e ligeira", sublinhou, considerando que desta forma "é mais fácil chegar ao público".

Habitado a apresentar as suas peças em pequenas vilas na Galiza, onde o público de teatro é minoritário, o humor surge como o "açúcar ou o molho".

"Não se pode viver de açúcar ou de molho, mas estes fazem com que as coisas que se comem sejam mais agradáveis", apontou o dramaturgo, que vem do movimento de teatro independente espanhol.

"A Canoa" ("A Piragua", no original) está em exibição no Teatro da Cerca de São Bernardo, em Coimbra, de 17 de setembro até 18 de outubro, de quinta-feira a domingo.

O elenco do espetáculo é composto por Igor Lebreaud, Maria João Robalo, Miguel Magalhães, Ricardo Kalash e Sofia Lobo, a equipa artística é composta por João Mendes Ribeiro, Luísa Bebiano, Eduardo Pinto, Afonso Castro e Manuel Riveiro Hermo.



NOW

A Escola da Noite n^o "A Canoa", de Cándido Pazó

By Sara Quaresma Capitão · On 20/08/2015

A Escola da Noite vai estrear em setembro a peça "A Canoa", de Cándido Pazó, com encenação do próprio autor galego. Uma peça que estará em cena no Teatro da Cerca de São Bernardo (TCSB).

Dramaturgo, encenador e contador de histórias, Pazó é, há muito, um companheiro de estrada da companhia e com este trabalho aprofunda a sua relação artística com o grupo de Coimbra. "A Canoa" ("A Piragua", no original) foi escrita e apresentada pela primeira vez em Santiago de Compostela, em 2007, numa produção do Centro Dramático Galego. "Escrita a partir de uma história meio absurda – o desconforto de um homem com o facto de o vizinho guardar uma canoa no seu lugar de garagem – 'A Canoa' chama a atenção para o problema da violência doméstica e para a forma como ele se relaciona com o conjunto de normas, mais ou menos explícitas, em que todos nos movemos".

A abordagem a esta questão tão sensível (e atual) como esta é feita, conscientemente, com aparente leveza e com o humor que Pazó sempre imprime aos seus textos e espetáculos. Numa curiosa reflexão escrita a propósito da primeira estreia da peça, Cándido explica a opção por alternar entre momentos mais tensos e mais calmos e por recorrer "ao humor que a vida sempre nos oferece, mesmo nas situações mais dramáticas": "interessa-me que o público respire e que possa retomar o discurso e divertir-se com a peça". "Não quero apenas uma chave emocional, mas também racional", acrescenta o autor.

Em Coimbra, o espetáculo estreia a 17 de setembro, no TCSB, com um elenco familiar ao público d'A Escola da Noite – Igor Lebreud, Maria João Robalo, Miguel Magalhães, Ricardo Kalash e Sofia Lobo – e as especiais participações de Cristina Janicas (assistente de encenação) e Catarina Moura (voz off). Da equipa artística fazem ainda parte João Mendes

SEGUIR POR E-MAIL

Nome / Name

E-mail

* indicates required

Subscribe

ÚLTIMOS ARTIGOS



Scaffold by WEWOOD
21/08/2015



Fotografias de Mário Cesariny /
Museu da Eletricidade
21/08/2015



Festival FORTE'15 /
Montemor-o-Velho
21/08/2015



Novo design: COS & HAY
20/08/2015



A Escola da Noite n^o "A Canoa",
de Cándido Pazó
20/08/2015

PROCURAR

Search and hit enter...

ARQUIVO

Arquivo Seleccionar mês

POPULAR COMMENTS TAGS

Ribeiro e Luisa Bebianco (cenografia) e Eduardo Pinto (vídeo), colaboradores habituais da companhia, e os galegos Afonso Castro (iluminação) e Manuel Riveiro Hermo (música).



Da relação de Cândido Pazó com A Escola da Noite. Nascido em Vigo (Galiza, Espanha) em 1960, Cândido Pazó é ator, dramaturgo, filólogo, encenador, guionista de televisão e contador de histórias. Como contador, atuou e participou em seminários sobre a oralidade nas Universidades de Santiago, Vigo, Coimbra, Salamanca, Barcelona, Minho, Varsóvia, Cracóvia, Montevideo, Bogotá, entre outras. É presença assídua em locais que habitualmente programam espetáculos de narração oral. Autor da maior parte das histórias que conta (ainda que recorra também à tradição e à literatura), enquadra-se no chamado "conto taberneiro" ou "de tertúlia", onde episódios e personagens do quotidiano se sucedem, numa demonstração de que a realidade supera sempre a ficção. Enquanto dramaturgo e encenador, Cândido Pazó é autor de inúmeros espetáculos premiados, como "Commedia, un xogue para Goldoni" (Prémio Compostela 93 e Prémio de la Crítica del País Valenciano 94), "Nano" (Prémio María Casares 99), "Niqui Naque" (Prémio Max para Melhor Autor em Língua Galega, 2002), "García" (Prémio María Casares 2005), "Enigrados" (Prémio Max 2008), entre outros. Em 2014, foi distinguido com o Prémio da Cultura Galega de Artes Cénicas (atribuído pela Consellería de Cultura da Xunta da Galicia) e com o Prémio de Honra Roberto Vidal Bolaño (atribuído pela Mostra Internacional de Teatro de Ribadavia, pelo conjunto da sua carreira profissional). Os caminhos de Cândido Pazó e d'A Escola da Noite andam cruzados há muito, nomeadamente em ações ligadas ao intercâmbio entre a Galiza e os países de língua portuguesa. No TCSB, apresentou os espetáculos "O espetáculo da palavra" (2009), "Historias Tricolores: ou de como aqueles animalíños proclamaron a República" (2010) e "Memórias de un neno labrego" (2014). Em 2010, dirigiu em Coimbra, igualmente a convite d'A Escola da Noite, um workshop sobre narração oral. Em 2013, foi um dos formadores convidados pela Cena Lusófona no âmbito do projecto P-STAGE, que resultaria na criação do espetáculo "As Orações de Mansata", uma co-produção com A Escola da Noite.

A ir, em Coimbra. •

+ A Escola da Noite

+ TCSB

© Fotografia: Cândido Pazó por Eduardo Pinto.

Partilhe com os seus amigos:

Google 15 Tweet 4 3

a canoa a escola da noite cándido pazó teatro teatro da cerca de são bernardo



Chef João Rodrigues / "Tudo está em constante mudança" 05/02/2014



Altis Belém Hotel & Spa / A alma dos nossos pátrios 04/07/2013



Chef Vítor Matos / "Os meus pratos são os meus quadros" 05/10/2013



"A minha cozinha é uma cozinha irrequieta" / chef Leonel Pereira 29/05/2014



"Estou na moda, porque não sou de modas!" / Joachim Koerper 02/04/2014

REVISTA DO Nº 1 AO 20



COLABORADORES

Andréa Postiga, Porto Alegre BR
Catarina Leal, Sofia BG
Cláudia Ferreira, Coimbra PT
Cláudia Henriques, Aveiro PT
Dulce Alves, Caracas VE
Filipe Cardeira, Sidney AU
Guilherme Tosetto, São Paulo BR
Helena Ales Pereira, Lisboa PT
Hernâni Duarte Maria, Faro PT
João Pedro Rato, Lisboa PT
Maria Pratas, Vila do Bispo PT
Miguel d'Aguiar, Madrid ES
Patrícia Serrado, Lisboa PT
Pedro Emanuel Santos, Porto PT
Sara Quaresma Capitão, Coimbra PT
Susana Carvalho, Coimbra PT
Tomás Sancho, Lisboa PT
Valéria Mendonça, São Paulo BR

A MUTANTE NO FACEBOOK

Novo espectáculo alerta para violência doméstica

Escola da Noite "A Canoa" estreia hoje no Teatro da Cerca de S. Bernardo e está em cena até 18 de Outubro, também com sessões especiais para as escolas

A Escola da Noite estreia hoje às 21h30 "A Canoa", de Cândido Pazó, um espectáculo que tem como tema central a violência doméstica. Escrita a partir de uma história «meio absurda» - o desconforto de um homem com o facto de o vizinho guardar uma canoa no seu lugar de garagem -, a nova produção da companhia residente do Teatro da Cerca de S. Bernardo chama a atenção para o problema da violência doméstica «e para a forma como ele se relaciona

com os quadros de valores em que nos movemos».

A Escola da Noite adianta que "A Canoa" faz a abordagem a uma questão sensível com humor, uma característica dos espectáculos de Pazó, que acredita que o humor deve estar presente «mesmo nas situações mais dramáticas». «Interessa-me que o público respire e que possa retomar o discurso e divertir-se com a peça», sublinha o autor, explicando a alternância de momentos «mais tensos



Peça é da autoria de Cândido Pazó, que é também o encenador

e mais calmos que caracteriza esta produção.

Saiantava Cândido Pazó, em 2007 - altura em que o espectáculo estreou, em Santiago de Compostela - que esta transição «é assumidamente brechtiana». «O que pretendo com a representação destas cenas é transmitir a ideia de que nem sempre conhecemos a realidade, antes a interpretamos, a pressupomos, especulamos sobre ela sempre a partir de uma convenção social, conjuntural e não a partir do conhecimento real dos factos», frisa, acrescentando que «Brecht dizia que devemos ir ao teatro para nos divertirmos». «Se as cenas fossem construídas para forçar as emoções, não ajudariam a pensar mas apenas a sentir. Eu não tenho nada contra que se sintam, mas necessito de combinar as duas direcções: pensar-sentir, sentir-pensar», reforça.

Com texto e encenação de Cândido Pazó, "A Canoa" conta com um elenco de cinco actores - Igor Lebreaud, Maria João Robalo, Miguel Magalhães, Ricardo Kalash e Sofia Lobo. O espectáculo mantém-se em cena até 18 de Outubro, de quinta a sábado, às 21h30, e domingos, às 16h00 (com excepção de 4 de Outubro, devido às eleições).

A Escola da Noite preparou também sessões especiais para as escolas, que decorrem entre 30 de Setembro e 17 de Outubro, de quarta a sexta-feira (11h00 ou 15h00). Entre 24 e 26 de Novembro, na semana em que se assinala o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Doméstica, o espectáculo volta a estar disponível para as escolas. Em todas, como é habitual, no final alunos e professores têm oportunidade de conversar e trocar impressões com os actores.

Diário de Coimbra, 17/09/2015



ESPETÁCULOS {estreias}

A CANOA
De/Enc: Cândido Pazó
... A violência doméstica é abordada pela Escola da Noite a partir de histórias absurdas, sem medo de recorrer ao humor. **TEATRO DA CERCA DE S. BERNARDO** Cerca de São Bernardo, Coimbra T. 239 718 238. 17 set-18 out, qui-sáb 21h30, dom 16h. €5 a €10

É IMPOSSÍVEL VIVER
A partir de Franz Kafka, Enc: Ana Luena
... Exercício sobre o universo de Kafka, protagonizado por João Lagarto e Sérgio Praia. **TEATRO MUN. RIVOLI** Pç. D. João I, Porto T. 22 339 2201. 17-20 set, qui-dom 21h30. €7,50

PANTAGRUEL
De François Rabelais. Enc: Gonçalo Amorim
... Nos jardins do Centro Cultural Vila Flor será servido um banquete ao público durante a representação da obra de François Rabelais (publicada em 1532), numa adaptação, feita por Rui Pina Coelho, que respeita a sua estrutura narrativa e o espírito pantraguélico. Um «espetáculo-comilança», coproduzido pelo Teatro Oficina e pelo Teatro Experimental do Porto. **CENTRO CULTURAL VILA FLOR** Av. D. Afonso Henriques, 701, Guimarães T. 253 424 700. 17-20 set, qui-dom 22h. €10





17 DE SETEMBRO DE 2015 **25**

Revista Visão, 17/09/2015

Search...

SEARCH

MAIS PREGUIÇA

- CIRCULARIDADE DO QUADRADO
- CINEMA PARAISO
- CONTOS
- ENFARDAR EUROPA FORA
- ESCUTISMO
- ESPREGUI CADEIRA
- FOLHETIM
- LÉRIA PARA TOTÓS
- NA ROCA COM A LOLITA
- OLHO DE LINCE
- PALAVRAS DE QUE EU GOSTO
- TENS 10 MINUTOS?

BLOGS

- AREIA PÓS OLHOS | SARA SARAGÓCA
- #IDEIAGRAM | CATARINA GOMES
- MR. ESGAR JUKEBOX | ESGAR ACCELERADO
- O MEU FILME DAVA UMA VIDA | FERNANDO LOPES

MULTIMÉDIA

- CASSETTE PIRATA
- FOTOGALERIAS
- O INSTAGRAM DA PREGUIÇA
- PALCO PREGUIÇA
- RETROSARIA CENTRAL
- VÍDEOS



ARTIGOS RECENTES

- OS CÃES LADRAM E A CARAVANA PASSA
- CARLÃO EM LEIRIA: "A PATERNIDADE FOI UM REFRESCAR OS IDEIAS"
- 20 ANOS: TUDO ACONTECE POR ACASO

A ESCOLA DA NOITE: "A CANOA"



A companhia teatral de Coimbra **A Escola da Noite** estreia hoje a sua nova produção: **A Canoa**. A Preguiça foi assistir a um dos ensaios finais e aproveitou para falar com o autor e encenador galego, Cándido Pazó. Avisamos que não é fácil desbravar num só artigo os vários terrenos a que esta peça nos pretende levar. Mas vamos tentar.

A Canoa é uma peça que fala essencialmente sobre violência doméstica, um assunto sensível e que, dada a sua crescente medialização, tem estado na ordem dos nossos dias. Mas o argumento não se esgota aqui, abrindo-se a outras questões que, também elas, são parte de nós: as relações amorosas, familiares ou de vizinhança; as frustrações que o tempo deixa acumular e os traumas que não deixa fugir; a luta pelos nossos valores ou a resignação perante o que tende a subtrair-nos. E tudo começa numa reunião de condomínio...

"A ideia desta peça surgiu numa reunião de condomínio do prédio onde eu vivia nos anos 90. Isto aconteceu mesmo: um morador que contestava o facto de outro vizinho ter uma canoa no seu lugar de garagem. A ideia não foi embora e, passado um tempo, com a grande visibilidade que a violência de género começou a ter no início dos anos 2000, lembrei-me da forma ideal de fazer uma metáfora sobre o assunto. Tudo se concretizou em 2007 com um convite do centro Dramático Galego para escrever uma peça. Muitas vezes a viagem da cabeça para os dedos é longa", conta Cándido.

ao longo de um caminho quase nunca linear. "Nesta peça, tal como na vida, há momentos de luz e momentos de sombra. Temos de aceitar que vai haver sempre este contraste."

Apesar da carga dramática que *A Canoa* transporta, o tom em que a descarrega é muitas vezes repleto de humor, uma característica, aliás, de todo o trabalho de Cándido Pazó. "O humor é como o molho na comida. Ninguém se alimenta de molho, mas faz com que saiba melhor. Gosto de trabalhar com humor, sabendo que pode ser perigoso. O público pode fixar-se aí e não ir para onde deve ir. Sei que pode ser uma frase feita, mas o que pretendo é divertir e ao mesmo tempo fazer pensar".

Com tradução do galego para o português, é importante sublinhar o trabalho de adaptação linguística do texto. Expressões tipicamente portuguesas que todos nós reconhecemos de algum contexto fazem com que a familiaridade em relação ao conteúdo deste argumento seja ainda maior. E tudo isto contado com uma estrutura narrativa que avança e recua no tempo, até se fixar. Tal como funciona a nossa memória. "Quis que a narrativa não fosse muito convencional. As narrativas da memória são muitas vezes desordenadas, fragmentadas e selectivas. Só na ficção posso brincar com o tempo, fazê-lo avançar ou recuar. Na vida real não é possível, só na escrita dá para fazer essas batotas", confessa.



Perante a seriedade do tema, Cándido Pazó faz questão de lembrar a necessidade de estarmos atentos às situações do quotidiano. "Existem muitas circunstâncias que fazem com que a violência exista e há algumas circunstâncias que potenciam essa violência. Devemos estar atentos aos sinais. E isto é um trabalho também dos governos e das autoridades."

Paralelamente à peça, irá realizar-se um debate com elementos do *Grupo Violência - Informação, Investigação e Intervenção*, que reúne diversas instituições públicas e privadas envolvidas na prevenção e no combate à violência doméstica em Coimbra. Terá lugar no dia 24 de Setembro, às 23h15, logo após a apresentação do espectáculo.

Agora é convosco. *A Canoa* estará em cena durante um mês.

- JÁ FOSTE ÀS BERLENGAS?
- E O PRÉMIO FOI PARA... JOANA MONTEIRO
- OLHO DE LINCE: RICARDO GRACA
- MINUDÊNCIAS: OUTONO E PERFEITOS RECOMECOS
- AS NOVIDADES DA ÚLTIMA EUCARISTIA DA APPLE
- A ESCOLA DA NOITE: "A CANOA"
- "ALGUÉM DEVERIA ESCREVER: TIREM-ME DIQUÍ"
- UM FILME DE SETE CABECAS
- SAKAFRICA, A FESTA E DE QUEM A APANHAR
- JUST TATTOO'S E NÃO É POLÍCIO
- #IDEIAGRAM | CATARINA GOMES
- ESTREIA: STONE DEAD FAZEM T.I.L.T.S
- WHALES: DEVAGAR MAS COM FIRMEZA
- NA ROCA COM A LOLITA: DOCE SETEMBRO E LIMA
- SILÊNCIO, CRIANÇADA, QUE SE VAI OLIVIR O TALEGUINHO
- CAKE LOVERS: DOCE MAIS DOCE NÃO HÁ
- AREIA PÓS OLHOS | SARA SARAGÓCA



Passados oito anos da sua estreia, *A Canoa* vai ao **Teatro da Cerca de São Bernardo**, em Coimbra, abanar as consciências e colocar o público perante aquilo que se quer: uma pertinente reflexão social vestida com um luminoso sentido artístico.

Para o encenador, e como divisa deste espectáculo, o que desencadeia a maioria das situações de violência prende-se com uma razão essencial: o facto de existirem pessoas que não se adaptam a novas formas de estar. "Há sempre aqueles tipos que não aceitam que as coisas possam ser de outra maneira, que acham que as coisas têm de seguir sempre a mesma norma. E quando uma pessoa não é capaz de se adaptar a uma nova forma de relação de género, ou familiar, essa sua frustração e inadaptação levam muitas vezes à violência". É o que acontece com Délio, uma das personagens.



São cinco personagens em cena e todas estrategicamente colocadas para se revelarem aos outros (das quais também fazemos parte) e a si próprias

Texto de **Carina Correia**
Fotografias de **Bruno Pires**
17 Setembro 2015

Relacionado



Ases pela arca do Top Gun?
Em "Tendências"



Mariana a rainha da TV
Em "Tendências"



Não há dois copinhos iguais
Em "Tendências"

Posted on 16 Setembro, 2015 by Preguiça Magazine in [arts](#) | 0 comments
Tagged as [Coimbra](#), [escola da noite](#), [teatro](#)

DEIXAR UMA RESPOSTA

Escreva o seu comentário aqui...

SOBRE NÓS

Ficha Técnica
Estatuto Editorial
Contactos

preguica.mag@gmail.com

PREGUIÇA MAGAZINE

Criatividade, cultura urbana e ramblóia. Agimos online e às vezes andamos fora da caixa. Em Leiria desde Janeiro de 2013 e em Coimbra desde Junho do mesmo ano. Depois disso que não há nada para fazer.

PARCERIAS

APOIOS

Teatro Crítico Universal

Magazine de crítica da Revista Galega de Teatro

A Canoa

A violencia e o discurso

Manuel Xestoso



A canoa de Cándido Pazó
Compañía: A Escola da Noite
Dirección: Cándido Pazó
Elenco: Igor Lebreaud, Maria João Robalo, Miguel Magalhães, Ricardo Kalash, Sofia Lobo.
Escenografía: João Mendes Ribeiro, Luisa Bebianio
Iluminación: Afonso Castro
Música: Manuel Riveiro Hermo
Son: Zé Diogo
Figurinos, atrezzo e imaxe gráfica: Ana Rosa Assunção
Vídeo: Eduardo Pinto

Teatro da Cerca de São Bernardo, Coimbra. 17 de setembro de 2015.

This entry was posted on 18/09/2015 by [rgtcrítica](#) in [Crítica](#) and tagged [Candido Pazó](#), [Escola da Noite](#), <http://wp.me/p4Qcyz-jq>
[Previous post](#)
[Crea un sitio web ou un blogue de balde en WordPress.com. The Suburbia Theme.](#)

☐ Seguir

Follow “Teatro Crítico Universal”

Build a website with WordPress.com

Existe a violencia e existe a forma en que se narra a violencia. A forma do relato inflúe no xeito en que asimilamos o relatado. Dicar “violencia doméstica”, por exemplo, non explica as mesmas cousas que dicir “violencia machista”. Hai unha amalgama de connotacións implicadas en cada un dos termos e elixir o correcto pasa por sopesar que se debe contar en cada momento, cales son as partes principais e cales as secundarias, onde reside o miolo do conflito.

A canoa –a versión portuguesa d’*A piragua* que Cándido Pazó presenta no Teatro da Cerca de São Bernardo en Coimbra– funciona como unha reflexión sobre como falar dun tema sen caer en simplificacións nin apriorismos. E o tema da violencia de xénero (outra forma de referirse á mesma cuestión que aclara algúns extremos e oculta outros) bate sempre con simplificacións e apriorismos máis ou menos interesados. Cómpre ampliar o campo de visión e ver as cousas dende distintas perspectivas para dar coas claves que permitan interpretar os feitos.

A obra transcorre no edificio onde vive Delio, un home que se defende dos seus fracasos asumindo uns principios vitais que non se corresponden coa súa situación real, senón coas fantasías que trata de manter vivas: o seu salario de vixilante non chega, pero o seu orgullo non lle permite aceptar que a súa muller limpe as escaleiras da comunidade. Os veciños, Guzmán e Lucía constitúen unha curiosa parella: el é un mozo convencional máis ou menos triunfador profesionalmente que garda unha canoa na súa praza de garaxe; ela, unha actriz dunha compañía de teatro independente que utiliza o baixo do edificio para ensaiar. A compañía de teatro trata de montar unha función sobre o que sucedeu –sobre o que vai sucedendo fronte á audiencia– e vai probando diferentes modos de narración para dar conta con rigor do acontecido.

Ese ensaio de distintos rexistros narrativos por parte da compañía permite, precisamente, abordar a historia dende todos os seus ángulos, afastándose do sensacionalismo e deixando paso á certeza de que existe unha normalidade que non é tan normal, de que o cotián agocha patoloxías que se explican dende argumentos que teñen pouco a ver coa excepción. Hai un retrato, case costumista, dunha sociedade na que as frustracións se acumulan e erosionan as relacións persoais; unha sociedade na que persiste un substrato de competitividade que vai dexenerando en desafecto e en crueldade.

O texto de Pazó é, sen dúbida, un dos mellores que deu o teatro galego deste século. É duro e humorístico, sarcástico e emotivo; sempre moi afiado e sutil. Introdúcenos no problema cunha naturalidade que tal vez se revele como o máis estarrecedor. E a posta en escena sabe tratalo con respecto e con humildade, poñéndose ao seu servizo e enriquecéndoo con achádegos que se axustan á natureza dos personaxes. Quen lembre a montaxe do CDG coa que se estreou a obra en 2007 observará notables diferenzas de ton que, non obstante, non afectan á cerna do asunto. E o asunto, claro, revélase baixo unha luz que sorprende ao público e ilustra a esencia colectiva dun problema que tende a tratarse como unha deformación individual.

Todo xunto conforma un espectáculo que non se afasta en ningún momento dos espectadores e que satisfai xenerosamente a vella esixencia de deleitar e incitar a reflexión. A longa ovación dun público en pé testemuñou o acerto na noite da estrea.

A Escola da Noite

A Escola da Noite é uma companhia de teatro profissional sediada em Coimbra desde 1992. Ao longo de 23 anos de actividade, estreou 62 espectáculos, construindo e consolidando uma linguagem artística própria, assente na experimentação e na formação constantes e no equilíbrio, em termos de reportório, entre autores clássicos e contemporâneos. Para além de Gil Vicente, elemento essencial no percurso da companhia, destacam-se as visitas ao Teatro Grego (Ésquilo e Eurípides), à dramaturgia portuguesa contemporânea (Vicente Sanches e Abel Neves) e à dramaturgia universal (Beckett, Achternbusch, Büchner, Maquiavel, Lorca, Tchekhov), bem como a atenção particular dada ao universo lusófono, quer quanto ao reportório, quer quanto aos parceiros com quem tem desenvolvido colaborações.

Paralelamente às temporadas em Coimbra, a companhia atribui particular importância à itinerância dos seus espectáculos, mantendo-se fiel ao objectivo da descentralização, um dos princípios sob os quais foi fundada. Desde 1992, A Escola da Noite visitou mais de 50 localidades nacionais e efectuou digressões à Bélgica, ao Brasil, a Moçambique, à Guiné-Bissau, a Espanha e a Angola. Para além da produção e apresentação dos seus espectáculos, o trabalho da companhia estende-se aos domínios da formação (actores, produtores, técnicos, amadores de teatro, professores), da programação e do trabalho com o público escolar.

Depois de ter adaptado uma antiga garagem no Pátio da Inquisição, em Coimbra (onde permaneceu entre 1996 e 2002), e de ter inaugurado a Oficina Municipal do Teatro (2002-2008), A Escola da Noite mudou-se para o Teatro da Cerca de São Bernardo em Setembro de 2008. Ao abrigo de dois protocolos assinados com a Câmara Municipal de Coimbra, o grupo é a companhia residente e a entidade responsável pela sua gestão e programação.

espectáculos apresentados (1992-2015)

Amado Monstro, Javier Tomeo (1992); **O Triunfo do Amor**, Marivaux (1992); **Ella**, Herbert Achternbusch (1993); **Susn**, Herbert Achternbusch (1993); **Auto da Índia**, Gil Vicente (1993); **Mandrágora**, Maquiavel (1993); **Comédia Sobre a Divisa da Cidade de Coimbra**, Gil Vicente (1993); **Farsa de Inês Pereira**, Gil Vicente (1994); **Bonhard**, Thomas Bernhard (1994); **Leôncio e Lena**, Büchner (1994); **Uma Visitação**, Gil Vicente (1995); **A Birra do Morto**, Vicente Sanches (1995); **Amores**, Federico García Lorca (1996); **Beckett - primeira jornada**, Samuel Beckett (1996); **Lenz**, Büchner (1997); **As Troianas**, Eurípides (1997); **A Serpente**, Nelson Rodrigues (1998); **Pranto**, Gil Vicente (1998); **Os Persas**, Ésquilo (1999); **Jacques e o Seu Amo**, Milan Kundera (1999); **Além as Estrelas São a Nossa Casa**, Abel Neves (2000); **Quem Come Quem** (2000); **Um Gosto de Mel**, Shelagh Delaney (2001); **Acto Cultural**, José Ignacio Cabrujas (2001); **Amor de D. Perlimplín con Belisa en su Jardín**, Federico García Lorca (2002); **Auto da Visitação e outras cousas que por cá se fizeram**, Gil Vicente (2002); **Almocreves e outras cousas que em Coimbra se fizeram em 1527**, Gil Vicente (2003); **O Juiz da Beira: aula prática**, Gil Vicente (2003); **O Horácio**, Heiner Müller (2003); **Além do Infinito**, Abel Neves (2004); **O Cerejal**, Anton Tchekhov (2004); **2 Perdidos Numa Noite Suja**, Plínio Marcos (2004); **Noivas**, Cleise Mendes (2005); **Ao Partir Palavras**, Ruy Duarte de Carvalho (2005); **Ensalada**, Gil Vicente (2005); **Profundo**, José Ignacio Cabrujas (2005); **Play**, Samuel Beckett (2006); **Prometeu 06**, Ésquilo, Kafka e Heiner Müller (2006); **Matéria de Poesia**, Adélia Prado, Manoel de Barros, Carlos de Oliveira e Alexandre O'Neill (2006); **Tchekhov e a arte menor**, Anton Tchekhov (2007); **A Boda**, Anton Tchekhov (2007); **Na Estrada Real**, Anton Tchekhov (2007); **Auto da Índia: aula prática**, Gil Vicente (2007); **Bonecos & Farellos**, Gil Vicente (2008); **TNT [Tumulto no Teatro]**, Raul Brandão (2008); **700 máscaras à procura de um rosto ou um artista da fome**, Franz Kafka (2008); **Atravessando as palavras há restos de luz**, textos de Kafka (2009); **Este Oeste Éden**, Abel Neves (2009); **Sabina Freire**, Manoel Teixeira-Gomes (2009); **Trilogia "1.José 2.Rubem 3.Fonseca"**, textos de Rubem Fonseca (2010); **Noite de Amores Efêmeros**, Paloma Pedrero (2010); **Teatro Menor**, José Sanchis Sinisterra (2011); **Animais Nocturnos**, Juan Mayorga (2011); **O Abajur Lilás**, Plínio Marcos (2012); **Santíssima Apunhalada**, Antonio Onetti (2012); **Nunca estive em Bagdad**, de Abel Neves (2012); **Novas diretrizes em tempos de paz**, de Bosco Brasil (2013); **As Orações de Mansata**, de Abdulai Sila (2013); **Auto dos Físicos**, Gil Vicente (2014); **Da sensação de elasticidade quando se marcha sobre cadáveres**, Matéi Visniec (2014); **A Canoa**, Cándido Pazó (2015)

Contactos

A Escola da Noite – Grupo de Teatro de Coimbra
Teatro da Cerca de São Bernardo, 3000-097 COIMBRA, Portugal
telef. + 351 239 718 238 fax. + 351 239 703 761 telem. + 351 966 302 488
e-mail geral@aescoladanoite.pt

www.aescoladanoite.pt / weblog.aescoladanoite.pt